

Officina de composição e impressão de
MANUEL HOMEM DE C. CHRISTO
R. DE S. MARTINHO
Aveiro

POVO DE AVEIRO

PROPRIETARIO E DIRECTOR
Manuel Homem de C. Christo
Redacção e administração
R. de S. Martinho, AVEIRO

SEMENARIO REPUBLICANO

Numero 431

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1,200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1,300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2,500. Semestre, 1,500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os ass. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

8.º ANNO

PRINCIPIOS

Progresso bruto! E haviamos nós de estar todos os domingos a corrigir as asneiras que compositores e revisores nos põem ás costas! Não chegaria o espaço nem o tempo para isso.

E sem esses homens—tinhamos escripto referindo nos a todos quantos apregoam, embora ás vezes exaggerada ou violentamente, os mais rasgados principios—e sem esses homens todo o progresso seria tão lento que quasi se lhe poderia, com razão, chamar uma mentira. Quem compoz e quem reviu achou *lento* asneira e emendou para *bruto*.

Ora bolas!

E, já agora, digamos tambem que nos escrevem a informar que não é macabenco, mas *magavenco*. Que assim é que escreviam os membros da illustre sociedade. Quem nos escreve declara que conheceu muito bem a sociedade nos seus periodos aureos, dos pitéos do marquez d'Angeja e das orgias dos subterraneos do theatro da rua dos Condes. Conta-nos muitos pormenores interessantes das reuniões d'esse tempo. Acrescenta que não conhece os membros actuaes da sociedade, mas que facilmente acredita que sejam o Affonso Costa, o França Borges, o Gonçalves Neves, o Derouet e outros da panellinha politica que representam esses cidadãos e que, n'esse caso, as orgias de agora, conhecida a qualidade e o temperamento dos homens, devem ser pavorosas, de natureza a espantar todos os libertinos que Deus se tem dignado chamar á sua divina presença. Que, em todo o caso, e seja como fór, *magavenco* é que era e *magavenco* é que deve ser.

Pois seja *magavenco*. Tem a palavra, para rectificar, o nosso amigo Grandella, se quizer. Senão, ficamos sabendo que estavam em erro e que, realmente, é *magavenco*, palavra que quer dizer *pagode macabro*. Isto segundo, ao que nos informam ainda, a explicação dos da sociedade. Imaginem! Macabro conheciamos nós. Macabro não existe. Não ha masculino. *Pagode macabro*, traduzido á letra, quer dizer—sempre segundo elles—pagode do inferno. Imaginem! Vejam se é caso ou não para trerem de espanto e... d'inveja, nas profundas, como diz o nosso epistolographo, todos os libertinos que a sabedoria divina tem feito passar d'esta vida para a outra.

Assim é bom. Que Affonso Costa, o grande homem de bem e reformador prodigio, não espante só os vivos. Que espante tambem, para honra da republica e da patria, os que se foram, antes d'elle ser prodigio e... grande homem de bem!

Assente, pois, até vir a auctorizada rectificação em contrario, se vier, que é *magavenco*, passemos adiante.

Hervé vae, capitulo por capitulo, escalpellando a seu modo as mentiras patrioticas. Nem sempre com inteira imparcialidade. Mas quasi sempre com verdade.

— O que é patria, bom patriota?

— E' a terra em que eu nasci.

— Mas tu nasceste em Landerneau. Se amanhã os allemães conquistarem Landerneau, como con-

quistaram a Alsacia Lorena, nem por isso Landerneau deixará de ser a terra da tua infancia, a terra das tuas recordações e dos teus affectos juvenis. Comtudo, a tua patria deixará de ser a França. Passará a ser a Alemanha.

— Patria é a terra dos meus antepassados.

— Mas quem foram os teus antepassados?

— Patria é o paiz dos homens da minha raça.

— Mas quantas raças tem cada patria? Ha muitas raças diferentes em todas as patrias europeias. Na Alemanha ha os slavos e os germanos. Na França, que é dos paizes que teem população mais homogenea, ha o provençal, muito mais perto do italiano, pela raça, que do francez do norte; ha o bretão, muito mais perto do escosso ou do irlandez que do francez do norte, do sul, ou do oriente; entre os francezes do norte abunda o sangue flamengo; e assim por diante.

— Patria é a terra onde se fala a nossa lingua.

— Antes de 1870, a maior dos alsacianos não falavam e não comprehendiam senão o allemão. Ha um milhão de bretões que não entendem o francez; milhares de camponeses do norte da França falavam ha pouco ainda sómente o flamengo. E, comtudo, todos eram francezes e todos diziam amar a França.

Parte da população da Suissa fala francez, outra parte fala allemão, outra parte fala italiano. E são todos suissos. Os cubanos, e muitos outros americanos, falam hespanhol, como os brasileiros falam portuguez, como os do norte da America falam inglez e nem os cubanos querem ser hespanhoes, nem os brasileiros portuguezes, nem os yankees inglezes.

— Patria é uma especie de communhão d'idéas.

— Admiravel communhão! E' ver a communhão d'idéas que une em França clericos e anti-clericos, anti-semitas e livres pensadores, dreyfnistas e nacionalistas, realistas, bonapartistas, republicanos e socialistas.

— Patria é uma mãe, a nossa mãe commum; é uma grande familia, cujos membros estão ligados por interesses communs.

— Isso agora é um cumulo! Emquanto alguns dos filhos d'essa mãe commum estão sentados a lauta meza, comendo, bebendo, rindo alegremente, com todos os gosos materiaes, intellectuaes e moraes, n'um banquete e n'uma festa perenne, outros trabalham como bestas de carga, comendo o sufficiente para não morrerem rapidamente, pois vão morrendo lentamente. E felizes d'estes! Pois outros ha que nem a fome podem enganar!

Mãe? O que é uma mãe? E' uma mulher boa, amorosa, que divide á meza de familia tudo quanto tem equitativamente entre os seus filhos, sem distinguir os feios dos bonitos, os fortes dos fracos, os intelligentes dos estupidos. Antes, se tem preferencias, essas preferencias são exactamente para os mais doentes, para os mais fracos, para os mais desprotegidos pela natureza.

A que afaga alguns dos membros da familia em proveito d'outros, a que deixa morrer á mingua exactamente, ás vezes, os que mais merecem, essa não tem o nome de mãe; essa tem outro nome; essa chama-se madrastra.

Como as patrias! Mães, as patrias? Não. Madrastras, e madrastras cruéis!

D'ahi passa Hervé aos preconceitos patrioticos. O soldado francez é o primeiro soldado do mundo! Mas basta consultar a historia para reconhecer que o soldado francez tem levado tapona de cahir. Julio Cesar conquistou a Gallia com um punhado de soldados romanos. Quatro seculos depois os barbaros, com igual facilidade, fizeram o mesmo. Durante a guerra dos cem annos, a terra dos bravos foi percorrida, occupada, talada, por successivos bandos inglezes. Em 1346, em Crécy, um punhado de inglezes derrota um exercito de 40:000 francezes; em Poitiers, dez annos depois, 10:000 inglezes batem 50:000 francezes, dos quaes 20:000 ficam prisioneiros; meio seculo depois, em Azincourt, 20:000 inglezes infligem nova derrota, derrota completa, derrota vergonhosa, a numero dobrado de francezes. A chamada epopeia napoleonica termina, em toda a parte, pela derrota dos exercitos francezes, pela invasão. E, por fim, 1870!

Mas que não chorem os francezes! Todos os outros povos, apregoando, tambem, cada um d'elles que o seu soldado é o primeiro soldado do mundo, teem na sua historia derrotas semelhantes! Donde se vê que a mentira patriotica é em toda a parte a mesma!

Outro preconceito, não menos lisongeiro para o amor-proprio nacional, é o do espirito cavalheiresco, é o da generosidade. A França é a terra do direito, do cavalheirismo, da generosidade. A França que, para não remontarmos mais atraz, ainda n'outro dia, guiada pelo bandido corso, levou a desolação, a crueldade, a infamia, ao seio de todas as nações europeas! A França, que invadiu o Mexico! A França que, no praso de 40 annos, duas vezes incendiou, ensanguentou, roubou a capital da China!

Mas que não haja ainda ahi desconsolação para os francezes. Que tambem ahi a Inglaterra e a Alemanha lhe disputam a palma das virtudes. A nação cavalheirosa, a nação da liberdade e do direito é, para os patriotas inglezes, a perdida Albion! A nação virtuosa, generosa e modesta é, para os germanos soberbos, a brutal Alemanha!

Todos esses preconceitos são vãos. Toda a religião da patria é uma mentira.

As religiões reveladas teem os seus devotos fanaticos, e, alem d'esses, devotos de crença racional, que perderam o fanatismo, que não acreditam cegamente em todas as verdades reveladas, mas que nem por isso deixaram de permanecer deistas. Com a religião de patria succede a mesma coisa. A religião patriotica tambem tem os seus fanaticos, que se chamam nacionalistas ou imperialistas segundo os paizes a que pertencem; e devotos sem fanatismo, que não acceitam os exaggeros patrioticos, mas que conservam o culto do idolo no fundo do coração.

Para uns e para outros, a Patria é uma especie de divindade,

cujo nome, sob pena de impiedade, se não pôde pronunciar com a menor irreverencia. Ha mysticismo no sentimento patriotico dos patriotas mais pensadores e moderados. Pôde-se discutir tudo, Deus, o capital, a propriedade. Só a patria, de que falam com ternura filial com verdadeira devoção, está acima de toda a discussão! Uns e outros falam da patria como os crentes falam do seu Deus. A bandeira é o emblema *sagrado* da patria; o solo da patria é o solo *sagrado* da patria, mesmo para os pobres diabos que não teem um palmo de terra.

As velhas religiões teem os seus padres; a nova religião patriotica tambem tem os seus. Sobre o pedestal onde a piedade dos fieis tinha collocado o padre, com uma aureola de pureza e de santidade, a fé patriotica dos seus descendentes collocou o soldado, o militar profissional, aquelle que, por gosto, por vocação, porque os seus instinctos para ahi o impelliam, escolheu a carreira militar, a *nobre profissão das armas*.

Nobre entre as nobres!

A profissão nobre por excellencia não é a do mineiro que, com perigo da sua vida, extrahie penosamente das profundezas da terra o negro mineral, o pão das machinas; não é a do cultivador que fecunda a terra, cujas searas alimentarão amanhã a humanidade; não é a do mestre-escola que cultiva penosamente cerebros incultos, fazendo ahi germinar o bom grão do espirito critico e do livre-exame.

A profissão nobre entre todas é a profissão militar, aquella em que se abdica da vontade, da liberdade, da personalidade, aquella que faz do homem uma machina, e que machina! uma machina de matar, em que se mata á voz, á ordem, sem se saber porque se mata.

E' essa a nobre profissão das armas!

O exercito é a escola da honra, da coragem, do espirito de sacrificio!

O crente tem uma alta idéa da sua religião; julga-a muito superior a todas as outras. O protestante ri-se das superstições catholicas; o catholico ri-se das superstições budhistas; o budhista considera o musulmano um barbaro grosseiro. O mesmo succede com o patriota. Para o inglez, a Inglaterra é a primeira nação do mundo. Ouve-o, rindo, o americano, que não admite nada de superior á joven America. Encolhe os hombros o allemão, para quem a Alemanha é nação que não tem rival. Troça de todos o francez, sobretudo do allemão, pois a patria franceza está para elle cem furos acima da patria allemã. E até o pobre mujik, no seu obscuro cerebro de ruminante, colloca a santa Russia acima de todas as nações.

Vaidade ridicula!

E não só ridicula, infelizmente. A religião patriotica, ainda como as outras religiões, cria um estado de espirito que é mais do que ridiculo, pois é perigoso. As antigas religiões, no tempo em que a fé reinava vivida nas almas, olhavam-se reciprocamente com desconfiança e com odio. Em nome de Deus se accenderam fogueiras e se ergueram patibulos para queimar e estrangular hereticos, que eram aqui os judeus, acolá os catholicos, alem os protestantes ou os musulmanos. O mesmo fazem hoje os

patriotas de todos os paizes. Os povos são educados no odio feroz ao estrangeiro. Os espiritos esclarecidos podem recalcar e conter o instincto bestial, que a educação da escola n'elles excitou; mas as massas, ao menor conflicto internacional, á menor crise, urram como feras, acabando por se lançarem ferozmente umas contra as outras.

E' interessante verificar que em todos os paizes a religião patriotica é introduzida nos cerebros e nos nervos pelos mesmos processos que empregam as religiões propriamente ditas.

Tanto aquella como estas se apoderam da creança desde a mais tenra infancia, antes do seu espirito critico ter começado a formar-se; as canções patrioticas substituem os canticos; os manuaes de historia e de instrucção civica substituem a biblia e o cathecismo; em lugar das vestes sacerdotaes, deslumbrantes de pedraria e ouro, os uniformes berrantes de officiaes e soldados, uma mistura carnavalesca d'azul, vermelho, verde, dourado, pennas de gallo e de abestruz; os rosarios e outras monicas catholicas são substituidas por exercicios de caserna, destinados, como os exercicios religiosos, a abafar, elles tambem, toda a iniciativa e toda a reflexão; em vez da musica perturbante do orgão o ruido enervante dos tambores, das trombetas, das musicas guerreiras; á laia de procissões, revistas, paradas, marchas em continencia, feitas por 50:000 e mais bonecos humanos, que desfiliam a passo cadenciado e á voz.

Não ha festa publica em França nem na Alemanha que não seja acompanhada d'uma exhibição solenne de soldados armados.

Centenas de milhares de cidadãos se levantam todas as manhãs do 14 de Julho, em que o exercito francez e, em honra dos grandes antepassados que tomaram a Bastilha, exhibido nas praças publicas de todas as cidades onde existem regimentos, centenas de milhares de cidadãos se levantam na manhã d'esse dia para vêr assar ao sol, no seu uniforme carnavalesco, o *guignol* nacional. E todos soltam bravos phreneticos quando veem desfilar, por entre nuvens de poeira, linhas interminaveis de homens, de cavallos, de canhões, uma massa formidavel de carne de açogue e de instrumentos de matadouro. E todos sentem correr-lhe pelas veias um estremecimento religioso, ao passar-lhes pela frente um bocado de panno erguido na ponta de um pau, o emblema sagrado da patria, deante do qual se descobrem devotamente como seus paes se descobriam deante do Santissimo Sacramento.

Chegado a esse grau de deformação intellectual, o patriota está convertido em animal de açogue. Em ponto de poder ser conduzido ao matadouro.

Assim fala Hervé. Diz paradoxos? Diz mas são verdades como punhos!

TRENS DE ALUGUER
DE
LUTHARIO HOMEM CHRISTO
Com cocheira provisoriamente á ponte da Dobadoira, com frente para o lado do caes, e frente para o Largo dos Santos Martyres.

Cartas de Lisboa

8 DE NOVEMBRO.

Não ha novidades politicas. Está tudo tranquillo e... calado. O rei coacto, o Mundo coacto, o sr. José Luciano coxo e todos os outros coactos ou coxos. Já nem ouço falar na grande manifestação de 2 de janeiro. Provavelmente teve a sorte do congresso nacional!

Parece que o governo apalpou terreno para eleições. Mas achou-o duro, e recuou. E' o que eu ouço dizer. O que faz agora? Cahe, ou fica? Diz-se que fica, e que fica por muito tempo ainda. Eu não creio. Póde ser que me engane. Mas estou convencido de que não é longa a vida ministerial. E já teria terminado se os partidos não houvessem declarado formalmente que não respeitavam nenhuma das medidas que João Franco tem tomado em dictadura.

A força de João Franco vem — todos o sabem — do apoio que lhe dá o rei. E o apoio do rei resulta da confiança que o rei tem no exercito. Mas tudo isso é muito precario. O rei não é homem para se arriscar. Illudem-se os que suppõem o contrario. Muita coisa, muita loisa, emquanto a coisa é facil. Mas olhem que em a coisa se tornando difficil, coisas e loisas vão-se embora.

Diz-se que Julio de Vilhena está disposto a andar para deante, e que é José Luciano, na sua qualidade de coxo, quem puxa para traz. José Luciano não póde acompanhar Vilhena. Mas se a Senhora de Lourdes faz o milagre de dar pernas, por um instante, a José Luciano, e José Luciano tem um impeto de resolução, e diz a Vilhena: Vamos lá para deante?

Eu não acredito muito n'essa hypothese. Como creio pouco, muito pouco, na tal supposta disposição de Julio de Vilhena a andar para deante. Mas ha casos—ouço-o dizer desde pequenino—que podem mais do que as leis. A opinião publica, no fundo, está irritada. Não ha duvida. O rei não tem sympathias nenhuma entre os monarchicos. O partido de João Franco é um grupo. A clientela politica está toda com os outros partidos e anda desesperada. Ora tudo isto junto póde, d'um momento para o outro, dar tempestade. E depois?

Está na mão de Julio de Vilhena e José Luciano fazer um levantamento geral. Se amanhã disserem para os seus influentes politicos de provincia: *tragam o povo para a rua*, o povo vae. Olá, se vae! Temos n'um instante armado um grande chinfrim em todas as aldeias, villas e cidades do paiz. E depois?

A municipal domina um chinfrim na rua do Ouro ou no Rocio. Mas não o domina em todo o districto de Lisboa. O regimento de infantaria 24 domina um chinfrim na cidade de Aveiro. Mas não o domina em todo o districto de Aveiro. E depois? Mandam os corpos de Lisboa dominar os chinfrins nos sitios aonde não pódem chegar os outros corpos? Fazem recolher todas as licenças registadas? Chamam ás armas o primeiro ou o

primeiro e segundo anno das reservas?

N'esse dia só restará um recurso ao rei: chamar a correr um dos chefes dos grandes partidos monarchicos. Mas mesmo que o chame a correr póde ser tarde. E' isso que receia o sr. José Luciano e tem razão para o recear. Como monarchico, não quer ver a monarchia em terra. E parece-lhe que d'um levantamento geral resultará mais do que a queda da dictadura e do governo.

Eu conheço muito bem o espirito da tropa. Seria preciso que eu fosse muito estúpido para não o conhecer. O official não tem opiniões politicas. Sustenta a *ordem*, que é a sua missão. *Dá para baixo*, quando lho mandam. Tem mesmo um certo prazer em dar para baixo. E' o prazer da tradição e da profissão. Mas não o guia nenhum outro sentimento. A força que influe sobre elle é unicamente a força do poder. Manda a monarchia? Cumpre. Se mandasse a republica, cumpria tambem.

Ora esta força é uma força muito fragil, de mais a mais não havendo no exercito portuguez, como ha nos exercitos estrangeiros, grande espirito de casta. Não temos aqui a corrente dominante da camada reaccionaria do exercito francez e do exercito allemão. O nosso official não passa, na sua immensa maioria, d'um pobre homem que só quer ganhar a vida com o menor trabalho e com o menor risco possível.

Sahe a dominar um pequeno tumulto? Não tem hesitações. Mas levanta-se amanhã o paiz todo? O caso é outro. Não se revolta tambem. D'isso—descancem—é que elle não é capaz. Póde faze-lo um ou outro *maluco*, como elles dizem. Malucos, é claro, são todos os homens verdadeiramente intelligentes e briosos. Não se revolta tambem, não senhores. Mas encolhe-se. Mas emprega a *resistencia passiva*, muito da sua predilecção, como de todos os *ronhas*, e que é uma coisa pavorosa. Ora a encolher-se, e a resistir sem dar mostras de resistencia, deixa ir lindamente o João Franco e a monarchia para o fundo.

Isto sem falar na grande indisciplina que vae em todos os quartéis, porque essa então é que póde dar levantamentos militares. A chamada disciplina militar é entre nós tudo quanto ha de mais frouxo. Reunem-se as reservas e os officiaes ficam logo com o coração a tremer. E' Santo Antoninho onde te porrei, até aquella grande malta se ir embora. Juntam-se contingentes de varios corpos constituindo um batalhão destinado a marchar para as colonias? E' uma cambada infernal. Imaginem as licenças e as reservas nos quartéis, e por motivo de ordem publica! Imaginem, com levantamentos por toda a parte, com o contagio d'esses levantamentos, com o estado do espirito publico, com a influencia dos paes e dos irmãos dos soldados que, fatalmente, andarão mettidos no chinfrim!

N'essa parte é que João Franco me parece tolo. Elle e mais alguem. Póde o rei confiar na

indecisão de José Luciano e de Julio de Vilhena. Póde João Franco contar com isso. Mas se suppõem que vencem uma revolta a sério, no dia em que regeneradores e progressistas, sem falar nos republicanos, que esses estão sempre promptos, se resolverem a ir para a rua sériamente, estão muito enganados.

Muito enganados! Não vão. Os monarchicos não chegam a isso. Mas o diabo ás vezes tece-as. O João Franco vae apertando. E se apertar muito... ha de acontecer o que acontece sempre em casos taes: a corda estoura.

E vão apparecendo alguns indícios. O que significa o artigo do sr. José Luciano sobre o sr. Beirão? E' uma disposição testamentaria ou é uma alternativa? Se é uma alternativa, não parece que o sr. José Luciano, sem querer impedir que o partido progressista se envolva n'um lance de que póde resultar a queda da monarchia, pretende, comtudo, libertar d'ahi a sua responsabilidade?

Veremos em que tudo isto dá. O que é lamentavel é que os republicanos, depois de tantas farroncas, depois de tantas ameaças, estejam na situação humilhante de aguardar os actos dos monarchicos. Isso é que é lamentavel. Mas estava previsto. Mas era fatal. Fartei-me eu de o prever. Fartei-me eu de o dizer.

Desenganem-se: emquanto forem dirigidos por idiotas e tratantes não dão um passo decisivo. Não quero dizer com isto que todos os chefes republicanos sejam idiotas ou tratantes. Mas os que o não são submettem se aos que o são.

Achavam mau expulsar Afonso Costas e quejandos. Achavam mau reduzi-los, ao menos, ás devidas proporções. Achavam mau combater o espirito d'egrejinha que domina o partido republicano. Pois ali tem o resultado.

Assoem-se a esse guardanapo.

«O NORTE»

Recebemos a visita d'este apreciado collega do Porto, com o qual, antes da sua suspensão, de que resurge agora, mantivemos sempre as melhores relações de camaradagem.

As nossas felicitações.

POVO DE AVEIRO

Vende-se nas seguintes localidades:

- LISBOA
- Tabacaria Monaco, ao Rocio. Tabacaria Silva, rua D. Carlos I, 102-104. Tabacaria Filismino Paulo, rua da Prata, 205-207. Rua Nova do Almada, 46 (junto á drogaria Falcão). Havaneza de Alcantara, Mercado d'Alcantara n.º 6. Tabacaria Inglesa, Praça do Duque da Terceira, 18. Antonio Fernandes, R. Nova do Almada, 46. Kiosque Elegante, Rocio.
- ALCOBAÇA
- Antonio Vazão.
- COIMBRA
- Tabacaria Central, rua Ferreira Borges 27.

A PROPOSITO DO ULTIMO DUELLO

E' das praxes não discutir pendências de honra. Mas é claro que essas praxes só abrangem os que respeitam... as praxes.

Nós não as respeitamos. Nunca as respeitámos. O duello é um facto publico. Que os seus proprios auctores e comparsas são os primeiros a querer que seja o mais publico possível. Então, como facto publico o continuaremos discutindo.

Não é nossa intenção melindrar, desrespeitar, offender qualquer das pessoas que entraram na pendencia. Não tem esse proposito, nem em pouco, nem em muito, nenhuma das palavras que vamos escrever. Mas se mesmo assim alguém se julgar offendido, cá ficam as costellas ás ordens de sua ou de suas senhorias.

Já se sabe que não nos bate-mos em duello. Mas tambem é sabido que sahimos á rua e que não andamos blindados pelas ruas. Ora quem não tem medo de falar nem de sahir á rua deu á senhora Honra e aos seus amantes ou devotos todas as satisfacções que sériamente se lhe pódem dar. Na nossa opinião, de que estamos seguros. A dos outros, estando seguros da nossa, não nos importa para coisa nenhuma.

O ultimo duello acabou, evidentemente, de demonstrar que... o que o berço dá a tumba o leva. Ha muito que se sabia que tudo n'este paiz conspirava contra o duello: o ar, o sol, a lua, a chuva, o vento, as espadas, as pistolas, a polvora, as balas... n'uma palavra: tudo!

Tudo! Mas agora ficou-se sabendo d'uma maneira decisiva.

Os homens são corajosos. Não se póde negar. Nega-lo seria estupidez. Mas não se trata agora de coragem. Trata-se d'uma instituição que não se aclimata, nem á mão de Deus padre, n'este paiz. Trata-se d'uma planta que não se dá n'estas terras, por mais que andem por ali a espeta-la. Trata-se d'um saloio a quem vestiram de casaca, chapéo alto e luvas. Oh, senhores, deixem o saloio, que o fazem grotesco! Deixem no na sua naturalidade, na sua simplicidade, que na sua naturalidade, que na sua simplicidade, é corajoso, é cavalheiro, é homem, com Deus ou com o Diabo! e com essa casaca franceza, e com esse chapéo alto de Paris, é um pifio, um bobo, um grotesco, um verdadeiro mono.

Deixem o saloio! Deixem-no!

Quem é capaz de forçar a natureza? Quem é mais forte do que ella? Duello em Portugal não ha, não póde haver. E por um motivo simples: não quer o sol, não quer o solo, não quer a natureza.

Acabou-se. Não quer a natureza!

Só houve um duello de morte em Portugal. Um só. E sabem porquê? Porque a bala que matou o pobre do José Julio era uma bala italiana! Traçoira, velhaca, desleal, como tanta coisa d'aquelle paiz! Malvada! Trouxe-a de lá o Sá Nogueira. E o tempo que ella esteve em Portugal não foi bastante para que perdesse a intensidade virulenta. Malvada!

Mas balas portuguezas? Escusam de se matar que ellas não matam. Não ha maneira. Isso sim! Os homens bem querem. A pontaria é boa. Mas qual! Vão para a direita, vão para a esquerda, vão para o ar, vão para o chão. Para a cabeça ou para o coração é que ellas não vão. E deixemos ficar assim as palavras a rimar, que isto sim, isto é que é da nossa terra, isto é que é nacional.

Não vão. Esgueiram-se. Fogem. E se apertam com ellas, acabam por se revoltar, como agora. Agora revoltou-se tudo. Tudo, afinal!

Revoltou-se a polvora, que se negou terminantemente a inflamar-se. Revoltaram-se as balas—e essas como sempre—que, em duello com

pontaria, se negaram, terminantemente, a acertar. Revoltaram-se as pistolas, que acabaram por se negar, terminantemente, a funcionar. Revoltaram-se as testemunhas, que acabaram por ficar com a cabeça á razão de juros. Revoltou-se o arbitro, que, vendo que a polvora não se inflamava, esteve quasi, elle, apezar da chuva, que molhava a escorva, a tomar o logar da polvora, inflammando-se. E revoltaram-se os contendores, que indo dispostos a matar acabaram por, nem á mão de Deus Padre, querer matar.

Pois o que é isto, senão o meio, senão a natureza a clamar: fóra o duello, fóra o duello, que não é planta d'esta terra?

Senão o saloio a gritar: arranquem-me estas modas francezas, com que eu me não entendo, e deixem-me ser tal qual Deus Nosso Senhor me creou?

Ninguém duvida da coragem dos contendores. Mas a coragem é como tudo: tem o seu meio, tem o seu modo de ser, tem o seu *habitat*. Queiram lá que o saloio, de luvas, casaca e chapéo alto, seja um homem desembaraçado. Não é! Não sabe onde ha de pôr as mãos, nem os pés! Não sabe o que ha de fazer! Não sabe mexer! Foi prende-lo! Foi manietá-lo!

Ponham dois fadistas em frente um do outro de pistola ou de espada na mão. Não fazem nada, por mais que joguem ou que disparem. Mas com a navalha... é logo rasgão de matar. O que o berço o dá a tumba o leva, senhores. Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso.

Essa *gaucherie* do saloio com a moda franceza do duello em tudo se revela. Até na redacção das actas! E' raro, rarissimo, encontrar-se uma acta bem feita. Rarissimo! Como se explica isto, senão pela natural *gaucherie* de quem usa uma coisa que repugna aos seus habitos, ao seu meio, á sua educação, ao seu temperamento, ao seu feitio?

As actas são artigos de fundo. São sentenças da Boa Hora. São articulados de advogado. São officios de burocrata. São actas de club. São tudo... menos actas de duello. Como o saloio, n'um salão, de casaca, a dançar uma quadrilha!

Elles bem leem o Verger de Saint-Thomas, o Châteaueillard, o Tavernier. E elles são doutores, jornalistas, litteratos, homens de cabeça e de sabença. Mas não ha maneira. Borram sempre a pintura! Não ha maneira. O *Morgado de Fafe* ficará sendo eternamente a historia verdadeira do que succede áquelles que, por qualquer circumstancia, sahem do seu meio.

E vamos agora ás leis da honra, posto isto.

A cada passo, na acta do ultimo duello, se fala nas leis da honra. Ora as leis da honra não podem ser privilegio de ninguém. As leis da honra são como todas as leis: estão sujeitas á critica e á discussão. As leis da honra serão um dogma para a confraria dos duellistas, como o mysterio da Santissima Trindade para os catholicos, ou a irresponsabilidade do rei para os monarchicos. Mas a razão humana cada vez accenta menos os taes dogmas.

Perante a boa razão, nem o sr. Alvaro Pinheiro Chagas se devia bater com o sr. Alberto Costa, depois do que lhe disse, nem o sr. Alberto Costa com o sr. Alvaro Chagas. Esta é que é a boa razão e já não ha convenções, nem imposturas, sejam sagradas pelo sopro divino ou pelo sopro humano, que valham nada contra ella.

Pois o que disse o sr. Alvaro Pinheiro Chagas ao sr. Alberto Costa? Ponhamos de parte as palavras injuriosas, que essas nada valem. O que valem são os factos. Ora em materia de facto o sr. Pinheiro Chagas accusou simplesmente o sr. Alberto Costa, redactor do *Mundo*, d'ir para a redacção do *Diario Illustrado*, principal órgão d'esse governo, que *Mundo*, e todos os republicanos, dizem executar, *contar o que o partido repu-*

blicano tramava, o que se dizia nas suas reuniões secretas, todos os pôdes, todas as miserias, todos os grotescos, e muitos dos segredos do partido republicano.

Palavras textuaes do sr. Pinheiro Chagas. Pois isto lava-se com duas balas trocadas no campo da honra? Pois porque o sr. Alberto Costa recorreu ás leis da honra ficou provado que mentiu o sr. Alvaro Chagas? Alto lá, que nem tudo são asnos n'esta terra. Nem asnos, nem covardes. Porque afinal esse silencio, que jornalistas, e mais sucios partidarios do duello, estabelecem em volta das heresias que se aninham na capa das pendencias de honra, se representa uma grande hypocrisia tambem representa uma grande covardia. Uma grande covardia!

Qual lei da honra, qual carapuça? Quem fez essas leis da honra? Quem as impõe?

Honra era provar que mentia o sr. Pinheiro Chagas. Primeiro isso. Depois o resto, se quizessem. O sr. Alberto Costa respondia com a sua penna, com injurias, se lhe agradavam as injurias, mas, acima de tudo, com allegações de factos, ainda que misturadas com injurias. Só depois d'isso se poderia tomar a sério o tal campo da honra e as taes leis da honra.

O sr. Alvaro Pinheiro Chagas não se podia nem se devia bater com um homem a cujo rosto lançava taes accusações. Considerava o sr. Alberto Costa um homem honrado? Se o considerava honrado, deshonrava-se fazendo-lhe taes accusações. O seu procedimento não era digno. Ficava-lhe vedado o campo da honra.

Não considerava o sr. Alberto Costa um homem honrado? Dizia o sr. Pinheiro Chagas a verdade? Então como ia defrontar-se no campo da honra, e em nome das leis da honra, com um homem que não era honrado? Então o campo da honra e as leis da honra são só para os homens honrados, ou são para toda a gente? Ou a honra consiste apenas em um homem provar que não tem medo de se pôr na frente d'outro armado d'uma pistola ou d'uma espada?

Mas ha reverendissimos patifes que não tem medo d'isso. E os proprios mestres do duello o confirmam. No mesmo livro de Tavernier, tão pomposamente citado pelas testemunhas da ultima pendencia, lá vêem elles marcados na figura de Pommeux e outros. Porque nós tambem lêmos os mestres do duello. Não para aprender as regras e as leis mas para estudar as farças.

O que dizemos do sr. Pinheiro Chagas dizemo-lo do sr. Alberto Costa, dizemo-lo de todas as testemunhas.

Não se comprehende que um deputado republicano, ao ser convidado para testemunha por um homem accusado de denunciar os segredos revolucionarios do seu partido, segredos que envolvem tantos interesses e tantas conveniencias pessoais e collectivas, lhe não dissesse: «Prove primeiro, n'um tribunal de honra ou como quizer, que são falsas aquellas accusações. Isso é o mais importante, para si e para os outros. Depois satisfaremos o preconceito do duello, se quizer.»

Não sabemos se está innocente, se não está, o sr. Pad-Zé. Nem o afirmamos, nem o negamos. Tiramos apenas dos factos as deducções logicas que elles impõem. Para concluirmos que o duello, sendo em toda a parte uma immoralidade, um absurdo, um recurso que, sob o ponto de vista da honra, nada prova, tem a mais em Portugal o ser tudo quanto ha de mais grotesco.

Deixem o saloio descansado, com a sua japona e com o seu barrete!

PSYCOLOGIA
DA
CRENÇA

O homem tornou-se crente ao abdicar da sua personalidade.

Ignorando por completo todos os phenomenos naturaes, inventou quem se responsabilisasse por seus effectos — creou os deuses.

Sentindo o espicaçar de novas necessidades, não deu um passo para as satisfazer. Esperou que outrem advinhasse o que lhe ia no pensamento. Os deuses — já se sabe — viram a cêra branda e foram moldando as religiões pacientemente, como quem confia em vender a obra feita.

O homem percebendo que era só pedir por bocca, adormeceu no regaço da ignorancia, que é muito fôfo e dá bellos sonhos a quem lhe tenha apêgo. E foi dormindo, dormindo, até que passado seculos acordou brusca e impellido por um sonho que tivera. Sonhára que podia ser feliz, muito feliz mesmo. O caso era trabalhar. Todas as suas necessidades veria satisfeitas por seu proprio esforço. Não delegar nos parceiros direitos a reivindicar. Quando quizesse falar, não se utilisasse das buzinas alheias — puzesse as mãos na bocca, a lã de concha, e gritasse para o outro lado das montanhas, que logo ouviria vozes igual á sua. Quando quizesse beber, não bastasse as palmas e mandasse vir — deitasse os joelhos a terra e sedentasse-se: Se quizesse abrigo, construísse uma casinha com os materiaes que abundam por essa terra fóra. Se quizesse alimentos, subisse ás arvores e arrancasse bondosamente os doces frutos, para que os troncos se não molestassem com a colheita e pudessem reeditá-la. Mas para tudo conseguir era preciso trabalhar. A natureza não pára em alimentar as vidas.

E o homem, esfregando os olhos humidos, não acreditava em tal arênga. Então, elle, para comer, havia de trabalhar? Com certeza, esse maldito sonho era partida dos deuses, seus filhos, que assim experimentavam a paternidade. Então, de testa enrugada, olhos piscos pela somnêca feita, gritou para que o Olympo extremecesse:

— O' deuses, eu se vos fiz é porque dispenso saber como vivo e porque vivo. O que quero é que me tratem do corpinho e da alminha.

Para isso levei eternidades a pôr os olhos lá onde os puz. Para isso vos nomeei meus guarda-livros para me escripturarem a vida e trazerem tudo em dia. Assim vos quero e não admitto farroncas de deuses. Allias corro com vocês e faço outros á minha imagem e semelhança.

Aqui é que foram ellas. Os deuses em bicos de pés e esganiçadas guellas, responderam-lhe assim:

— O' grande cavaladura! Então tu julgavas que era só tornaes-nos editores responsaveis da tua proverbial estupidez e não ficarmos com o direito de gerir — sem te prestar contas — esta enorme casa commercial chamada: humanidade?

Então tu não avalias o trabalho que temos tido em te assegurar a existencia? Sim. Quem fabricou esse machinismo intrincado que se chama: religião? Quem creou o principio de aucteridade, sem o qual as moscas revolucionarias te perturbariam o sono? Quem puxou as orelhas á cama onde dormiste?

— Mas eu... objectou o homem, aparoado por tanta ousadia celeste.

— Cale-se! O tratamento por tu acabou-se. E' tempo de ajustarmos contas. D'ora avante o senhor fica debaixo das nossas vistas. Espevite esses ouvidos, escute-nos de gíolhos e abra os olhos. Enquanto dormiu gravámos em madeira as leis porque passa a viver. O que fizer que transgrida os 10 artigos do nosso codigo, será recompensado pelo nosso supremo, levando á trouxa ás costas para o purgatorio, onde será assado ou grilhado, conforme a gastronomia do dono da casa. Mau, mau. Não faça arremêços. Junte os pés e perfile-se. Ouça bem. Se quizer comer ha de pagar com lingua de palmo tudo o que levar á bocca — menos maçã. Esse fructo é-lhe prohibido até se resolver scientificamente a cantiga do paraizo.

Se quizer beber ha de pagar um pequenino imposto para a ajuda da limpeza dos filtros. Se quizer mudar de fato, isto é, tirar a parra, pôde entrar nos armazens de vestimentas e pedir com modos de gente um fatinho decente e pagar sem reffilar — o commercio é honesto e avalia as necessidades de cobrição. Se quizer abrigo procure casa cara que é virtude rara. Não escavaque as paredes e dê chá para civilizar o mundo. Se não cubigar a mulher do proximo, seja sodo-mita, o que é preferivel, porque poupa o dinheiro do seguro de vida. Se roubar dentro da lei, conte comnosco e será subvencionado. Se roubar fóra da lei, então, tenha paciencia, não o podemos proteger por via dos maus exemplos. Quando fór lá para fóra não diga mal de nós. Não invente nada que ponha em duvida a nossa existencia, aliás, queimamo-lo vivo.

Quando os deuses findaram o parlamentarismo de salêta, o silencio fez-se. Estava atordado. Começou de abrir os olhos. As palpebras tomaram um espaço enorme na sua face cretinosa. A retina dir-se-hia uma formidavel bola jorrando luz — de baça que era tornára-se brilhante. E cruzando os braços comprehendendo toda a sua desdita. Estava totalmente perdido. Era homem deitado ao mar da impotencia. Então n'um pallido arranco hirtou os pulsos e lançou-os ao Olympo gesticulando odios:

— Ah! Só agora comprehendo! Então vocês apanharam-me a dormir e aproveitando-se do meu somno dirigiram a humanidade! Ah, corja! Por isso vejo trevas em meu redor; oiço gemidos de dôres accumuladas; sinto imprecações de cerebros manietados. Farçantes! E eu a julgar que o dormir fazia bem á fibra. E' bem certo; até na cama se partem as pernas. Mas o sonho que me acordou é a voz da verdade? E' a verdade, sim. Oh! que desgraçado sou que nem já forças tenho para lhe dar ouvidos. O dormir entorpecceu-me. Se pudesse tornar facto o que se me baralha no pensamento! Maldito o regaço que me deteve em hypocrita macieza. Agora percebo as fallas doces de vocês quando eram pequeninos. Tomaram corpulencia e perdi alentos. Estou fraco para os derrubar; mas ficae certos, até se me extenuar a vida direi embora em voz velada:

— Meus irmãos, não adormeceis nunca. Quando quizerdes viver vida natural, comece por deitar abaixo o que se vos anteponha. Não delegae em ninguem a satisfacção das vossas regalias. Onde virdes um emissario dos deuses gritae-lhe: — A fonte onde bebestes essa doutrina está empeçonhada por falsas concepções do universo; é um acervo de disparates que só servem para atrazar a vida. Desprezae os que dizem que gastam a vida a favor do povo — são politicos que sóbem por vos como os antropoides por arvores altaneiras. Tudo o que fizerdes é que é digno de vós. Não crede em ninguem. Crede no nosso proprio esforço que é o unico caminho emancipador e conduz á verdadeira felicidade humana.

JOSÉ SIMÕES COELHO.

Guttemberg

Todos os biographos de Guttemberg affirmam que o celebre inventor da Typographia foi enterrado no cemiterio do convento de Franciscanos de Moguncia.

Em troca, um sábio allemão, o doutor Bockenheimer, encontrou em 1876, na Bibliotheca pública de Moguncia, um documento antigo, um anniversarium ou livro mostruario da época, no qual se diz que João Guttemberg foi sepultado no claustro do convento de dominicanos d'aquella cidade.

De toda a maneira suppõe-se que os seus restos foram dispersos durante a Revolução franceza.

Mas affirmam-se que n'uma das cidades d'Allemanha foi encontrada a sepultura e, juntamente, a ossada do inventor da Typographia, o famoso Guttemberg, sepultura que levou tantos annos a descobrir.

Quereis fazer uma longa viagem sem vos fatigardes? Comprae a bicyclete — «A OSMOND».

HOMEM, DIGA TUDO!

Andam em conversa amena, ha uma semana, *Popular* e *Jornal da Noite*, sobre se o sr. Homem Christo é ou não é correligionario do sr. Bernardino Machado. *Jornal da Noite* diz que sim, porque assim o declarou o directorio e o ultimo congresso do partido. *Popular* não nega nem affirma, sómente acha *muita graça, muitissima graça*, á affirmacção do *Jornal da Noite*, que se tivesse algum redactor em Campolide, como o *Popular* tem o seu redactor principal, talvez abundasse nas duvidas em que abunda o *Popular*.

Homem, diga tudo, não vá alguém imaginar que o sr. Carlos Marianno de Carvalho viu o sr. Homem Christo a almoçar com o juiz Veiga ou a walsar com o João Franco! Diga tudo, que lhe perdoamos o peccadilho d'andar a ouvir, para contar, o que se passa nas casas alheias!

O sr. Homem Christo pouca gente recebe em sua casa. Muito pouca. Mas os poucos que lá vão são, naturalmente, republicanos, e republicanos muito conhecidos em Lisboa, e alguns em todo o paiz. Ora, muito naturalmente tambem, succede travar-se discussão sobre a attitudede do sr. Homem Christo em face do partido republicano. Os amigos do sr. Homem Christo, reconhecendo toda a razão que lhe assiste, acham, comtudo, que elle poderia ser um pouco mais moderado. O sr. Homem Christo entende que não ha maneira de fazer vingar a republica com individuos que não são republicanos. E enumera as asneiras dos chefes. E expõe os crimes que alguns d'elles commettem. E protesta que não é, nem quer ser, correligionario de gajos de tal ordem. E eleva a voz. E grita. E é cada tosa de rachar. Não falta quem diga que o sr. Homem Christo ainda dá maiores tosas a falar do que a escrever.

Aviso aos chefes republicanos, para que, já que ainda não congruam quebrar-lhe a penna, por mais que o tenham tentado, procurem os meios de evitar que elle eleve a voz onde o ouça todo o mundo e não só o sr. Carlos Marianno de Carvalho. Que se delicia a ouvi-lo, ao que parece.

E eis porque o *Popular* acha *muita graça, muitissima graça* ao *Jornal da Noite*, que já anda intrigado.

Faça favor o sr. Carlos Marianno de pôr tudo em pratos limpos, que nós não somos homens de caixas encoiradas.

E, posto isso, e visto perdoarmos ao sr. Carlos Marianno de Carvalho andar a ouvir, para contar, o que se passa portas a dentro da casa dos outros, outro favor lhe pediremos. E vem a ser que continue a protestar contra a pouca vergonha da Companhia dos Electricos. Está dicto? O amigo faz isso? Até já lhe chamamos amigo! Quer o sr. Carlos Marianno de Carvalho fazer comnosco uma alliança? Nós continuamos a cascar com toda a força nos chefes republicanos. E mandamos abrir as janellas para que seja maior o goso do sr. Carlos Marianno de Carvalho. Mas o

sr. Carlos Marianno de Carvalho casca com egual força na Companhia dos Electricos. Quer assim? Deixe lá a alliança de Julio de Vilhena com Bernardino Machado. Olhe que d'ali não vem nada. Vamos nós a esta, que talvez dê resultado.

E se o *Jornal da Noite* fosse capaz de dar tambem duas lambudas — duello não queremos — na *Companhia dos Electricos*, não acabariamos este sem lhe dizer duas palavras de consolação.

Porque o *Jornal da Noite* tem razão. O mais interessante da historia está precisamente em ter razão o *Jornal da Noite* e em ter razão o *Popular*. Não ha duvida que o directorio e o congresso consideraram republicano o sr. Homem Christo. Não ha duvida nenhuma. Mas o sr. Homem Christo é que nunca considerou nem considera republicanos varios bandidos e varios idiotas que dizem trabalhar pela republica. O sr. Homem Christo é republicano, isso é. Mas se o sr. Homem Christo não considera republicanos varios bandidos e idiotas que se dizem republicanos, é claro que não é, que não pôde ser, que não quer ser correligionario d'esses bandidos e d'esses idiotas, e que grita e gritará, com toda a força dos seus pulmões, contra aquelles que o inculcarem como correligionario de taes bandidos ou de taes idiotas.

Percebeu o *Jornal da Noite*? Está contente por lhe termos esclarecido o mysterio do *Popular*? Pois então agora tenha a bondade de protestar tambem contra a grandissima pouca vergonha da *Companhia dos Electricos*. Senão, escusa d'esperar de nós nem mais uma palavra!

Pouca vergonha, sermos obrigado a andar nos carros em que anda o sr. conselheiro Bernardino Machado! O *Popular* diz bem. Pouca vergonha! E é que não temos outros carros. A Companhia, depois de nos ter mamado o dinheiro do bilhete de assignatura, que só comprámos por haver duas carreiras para Campolide, uma pela Avenida, e outra pelo Alecrim, nega-nos agora direito ao elevador de Santa Justa. De maneira que não tem um homem outro recurso senão entrar nos carros da Estrella, sujeito a toda a hora a ter de sentar-se ao lado do sr. conselheiro Bernardino Machado.

Pouca vergonha! Revoltante pouca vergonha! Repetimos: ou o *Jornal da Noite* protesta tambem contra essa pouca vergonha, e a valer, ou está tramado, que não nos apanha nem mais uma palavra.

Repetimos: ou o *Jornal da Noite* protesta tambem contra essa pouca vergonha, e a valer, ou está tramado, que não nos apanha nem mais uma palavra.

Repetimos: ou o *Jornal da Noite* protesta tambem contra essa pouca vergonha, e a valer, ou está tramado, que não nos apanha nem mais uma palavra.

Repetimos: ou o *Jornal da Noite* protesta tambem contra essa pouca vergonha, e a valer, ou está tramado, que não nos apanha nem mais uma palavra.

Repetimos: ou o *Jornal da Noite* protesta tambem contra essa pouca vergonha, e a valer, ou está tramado, que não nos apanha nem mais uma palavra.

Repetimos: ou o *Jornal da Noite* protesta tambem contra essa pouca vergonha, e a valer, ou está tramado, que não nos apanha nem mais uma palavra.

Repetimos: ou o *Jornal da Noite* protesta tambem contra essa pouca vergonha, e a valer, ou está tramado, que não nos apanha nem mais uma palavra.

Repetimos: ou o *Jornal da Noite* protesta tambem contra essa pouca vergonha, e a valer, ou está tramado, que não nos apanha nem mais uma palavra.

Repetimos: ou o *Jornal da Noite* protesta tambem contra essa pouca vergonha, e a valer, ou está tramado, que não nos apanha nem mais uma palavra.

Repetimos: ou o *Jornal da Noite* protesta tambem contra essa pouca vergonha, e a valer, ou está tramado, que não nos apanha nem mais uma palavra.

Repetimos: ou o *Jornal da Noite* protesta tambem contra essa pouca vergonha, e a valer, ou está tramado, que não nos apanha nem mais uma palavra.

Repetimos: ou o *Jornal da Noite* protesta tambem contra essa pouca vergonha, e a valer, ou está tramado, que não nos apanha nem mais uma palavra.

Repetimos: ou o *Jornal da Noite* protesta tambem contra essa pouca vergonha, e a valer, ou está tramado, que não nos apanha nem mais uma palavra.

Repetimos: ou o *Jornal da Noite* protesta tambem contra essa pouca vergonha, e a valer, ou está tramado, que não nos apanha nem mais uma palavra.

CENTRO FOTOGRAFICO
PORTO
R. SÁ DA BANDEIRA-135

José Maria Soares
medico e cirurgião pela Escola Medica
(Fragua do Porto)
CLINICA GERAL
Consultas todos os dias
das 10 h. em diante
Chamadas a qualquer hora
R. dos Mercadores — AVEIRO

